

## CONTRIBUTOS DA SOCIOCOGNIÇÃO PARA A ABORDAGEM DE FENÔMENOS LINGUÍSTICO-CONCEITUAIS

Eliane Santos Leite da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar como a variação de sentidos conceitualizadores, em uma mesma cultura, podem envolver questões sociais, regionais, étnicas, estilísticas, diacrônicas e individuais. No presente texto, partimos do pressuposto de que o sistema conceitual pode mudar, entendemos a necessidade de ampliarmos o leque de possibilidades explicativas sobre a variação das formas de conceitualização de uma categoria, no âmbito de uma mesma cultura, especialmente no que tange à dimensão sócio-histórica, considerando a Sociocognição como um ponto de convergência de algumas de nossas percepções sobre a relação entre a língua e o mundo, o que nos leva a reconhecer, assim, a inter-relação entre língua e cultura como sendo uma teia de significados.

**PALAVRAS- CHAVE:** Semântica Cognitiva, Sociocognição, compreensão.

### INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

Kövecses (2009, 2010) defende que são múltiplas as motivações para a variação de sentidos conceptualizadores em uma mesma cultura. Elas podem envolver questões sociais, regionais, étnicas, estilísticas, subculturais, diacrônicas e individuais. Tais dimensões apontam para desdobramentos recentes nos estudos em Linguística Cognitiva (LC) e Semântica Cognitiva (SC), que levam em conta as especificidades tanto na produção de enunciados metafóricos, quanto na circulação das formas de conceptualização, enquanto uma construção cultural coletiva. Essa nova perspectiva tem sido denominada de *sociocognição*.

De acordo com Almeida (2016, p.7), os estudos sociocognitivistas propõem que “os sentidos não são dados *a priori*, não são estáticos, mas antes são flexíveis e

<sup>1</sup> Doutora em Letras, [eliansleite1@hotmail.com](mailto:eliansleite1@hotmail.com); Docente – IFBAIANO- Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano.

<sup>2</sup> O presente texto, em outra versão, fora anteriormente publicado como um dos tópicos da Tese de Doutorado da autora, defendida em 2017.

negociáveis, sendo construídos na simbiose entre corporificação e situacionalidade sociocultural”. Desse modo, a referida perspectiva propõe que os dados linguísticos sejam analisados sob um olhar mais holístico, contemplando aspectos como a história, a cultura e própria constituição corporal dos conceptualizadores, o que leva em conta o aspecto interacional dos fenômenos comunicativos.

Como partimos do pressuposto de que o sistema conceptual pode mudar, entendemos a necessidade de ampliarmos o leque de possibilidades explicativas sobre a variação das formas de conceptualização de uma categoria, no âmbito de uma mesma cultura, especialmente no que tange à dimensão sócio-histórica, considerando a sociocognição como um ponto de convergência de algumas de nossas percepções sobre a relação entre a língua e o mundo.

Entendemos, nesse aspecto, que esta proposta pode ser entendida como um contributo para observarmos as variações das conceptualizações, já que tanto o aspecto cultural quanto o experiencial parecem ser indispensáveis para a compreensão do mundo, pelos seres humanos, através das formas como o expressam comunicativamente; dessa forma, considerar o aspecto variável das elaborações cognitivas torna-se relevante para um estudo sobre o sistema conceptual.

Reconhecemos, assim, a inter-relação entre língua e cultura (KÖVECSSES, 2010), como sendo uma teia de significados (GEERTZ, 2008 [1989]), a partir da qual poderemos buscar identificar relações interpretativas a respeito do próprio ser humano, que, em comunidade, compartilha saberes, discursos, costumes e crenças.

Assim, apresentaremos algumas considerações sobre a relação que observamos entre as formas de conceptualização e a cultura; e, em seguida, abordaremos as contribuições da sociocognição, no que tange à defesa por uma base corpóreo-conceptual, que entendemos coadunar-se com os estudos em SC.

## **METODOLOGIA**

As investigações iniciadas por Lakoff e Johnson, em 1980, desencadearam diversas outras perspectivas hermenêuticas sobre os fenômenos da conceptualização. Diferentes estudos foram elaborados, problematizando a perspectiva universalista,

outrora proposta na TMC, em prol da importância da cultura no processo de conceptualização.

Nesse sentido, Kövecses (2009) discute a necessidade de debruçarmo-nos em estudos mais contextualizados das formas conceptualizadoras em culturas específicas, sob a perspectiva da SC, de modo que as noções da metáfora e da metonímia conceptuais, por exemplo, sejam melhor elucidadas, ao buscarmos elementos interpretativos em outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, corroborando a ideia de que as mesmas se constituem em processos “linguísticos, conceituais, neurais, corpóreos e sociais ao mesmo tempo.” (KÖVECSES, 2009, p.259).

O autor entende a “universalidade em conceituação metafórica” (KÖVECSES, 2009, p.259) como sendo as noções partilhadas por pessoas de culturas diferentes, a respeito de algum conceito. Por exemplo, no campo das emoções, tem-se o conceito de felicidade, geralmente associado ao EI PARA CIMA (positivo) - PARA BAIXO (negativo), que é compartilhado em inglês, português, espanhol, húngaro e chinês. Para explicar tais semelhanças, há três opções, segundo o autor: o acaso, o empréstimo linguístico ou as motivações universais.

Defendendo o terceiro ponto de vista como o mais coerente nesse aspecto, Kövecses (2009) retoma a discussão sobre as metáforas consideradas primárias, ou seja, aquelas “motivadas por correlações universais na experiência corpórea” (KÖVECSES, 2009, p.260); assim, ao considerar a postura corporal geralmente ereta, em movimento, pulando, de alguém que se encontra feliz, considera plausível estabelecer tais correlações a partir das metáforas primárias, conforme propostas por Grady (1997).

Partindo desse pressuposto, a metáfora FELIZ É PARA CIMA seria considerada de nível genérico (ou universal) e as possíveis especializações de sentido dessa metáfora seriam diferentes em cada língua. Kövecses (2009) aponta como uma particularidade do inglês a conceptualização ESTAR FELIZ É ESTAR ACIMA DO SOLO, que não ocorre em chinês por exemplo. Uma ocorrência específica no português do Brasil seria ESTAR FELIZ É ESTAR NAS NUVENS, que não deixa de ser um nível ainda mais específico de ambas as expressões. Essa conceptualização remonta ao tipo de variação, denominada pelo autor, de “entre culturas”, e que evidencia melhor tais distinções nas diversas formas de conceptualização, assim:

a metáfora constitui um esquema genérico que é preenchido por cada cultura que a utiliza. Quando é preenchida, ela recebe um conteúdo cultural único em um nível específico. Em outras palavras, uma metáfora conceitual de nível genérico é atualizada por formas culturalmente específicas em um nível específico. [...] As metáforas de nível específico são atualizações da metáfora de nível genérico. (KÖVECSES, 2009, p.262).

Kövecses (2009) defende, ainda, que os constituintes<sup>3</sup> de uma metáfora estão potencialmente envolvidos na variação metafórica, de modo que, um estudo que se proponha a observar como se dá tal variação em uma mesma cultura necessitará considerar tais elementos, ou pelo menos buscar identificar quais são os predominantes na variação. O autor apresenta pelo menos duas vias explicativas sobre a motivação para a variação conceito-metafórica: as experiências humanas (contexto, história social e/ou pessoal) e os processos cognitivos (metáforas, metonímias, mesclagens, além da experiência corpórea) usados na elaboração do pensamento abstrato. A esse respeito, defende que

o contexto cultural mais amplo consiste, simplesmente, em todos os conceitos e valores únicos e salientes que caracterizam culturas, incluindo os princípios governantes e os conceitos-chave numa dada cultura ou subcultura. Esses têm especial importância na conceptualização porque permeiam diversos domínios gerais de experiência em uma cultura ou grupo cultural. (KÖVECSES, 2009, p.269).

E, ainda sobre a nossa base corpórea que, acredita ser universal, e, portanto, possibilita conceptualizações por meio de metáforas universais, sugere que

A base corpórea universal *não* é utilizada da mesma forma ou nas mesmas proporções em línguas e variações diferentes. Isso quer dizer que povos diferentes podem estar direcionados a aspectos diferentes do funcionamento do seu corpo em relação a um domínio-alvo, ou que eles podem ignorar ou subestimar certos aspectos do funcionamento do seu corpo no que diz respeito à conceptualização metafórica de um domínio-alvo. [...] a base experiencial universal, em vários casos, não leva necessariamente a uma conceptualização universalmente equivalente. [...] Acredito que a fisiologia universal proporciona apenas uma base *potencial* para a conceptualização metafórica – sem limitar

<sup>3</sup> Tais constituintes são, de acordo com Kövecses (2009, p.266), “base experiencial; domínio-fonte; domínio-alvo; relação entre a fonte e o alvo; expressões linguísticas metafóricas; mapeamentos; desdobramentos; mesclagem; atualizações não-linguísticas e modelos culturais”.

mecanicamente quais serão as metáforas específicas. (KÖVECSES, 2009, p.272. Grifos do autor).

Partindo do pressuposto de que as mesmas operações cognitivas usadas pelos seres humanos para estabelecerem o raciocínio em geral também o são para o desenvolvimento de relações sociais, Kövecses (2010b) defende que há uma forte relação conceptual entre língua e cultura que precisa ser considerada no âmbito dos estudos cognitivistas, de modo que “o discurso é outra fonte de criação de significados nas culturas” (KÖVECSES, 2010b, p.740)<sup>4</sup>.

Apesar de todos os seres humanos compartilharem a mesma estrutura cerebral, isto não é verdade em relação às suas respectivas culturas: mais uma vez, emerge a discussão universalidade *versus* individualidade das conceptualizações, já anteriormente abordada: enquanto algumas experiências básicas possam ser tidas como universais (e por isso mesmo, fazerem emergir, por exemplo, metáforas consideradas praticamente universais), outras não são, pois são determinadas culturalmente, a exemplo de algumas especificidades nas formas de compreensão do mundo. Para ilustrar tais correlações, Kövecses (2010b) traz algumas questões, como a noção espacial de localização, as formas de categorização (exemplificando com o conceito de arte) e, por fim, as formas como se representa o conhecimento, sob diferentes perspectivas teóricas. Assim, defende que:

o mundo como nós experimentamos é sempre o produto de alguma categorização prévia e enquadramento por nós mesmos e pelos outros. Um aspecto crucial do enquadramento é que indivíduos diferentes podem interpretar a “mesma” realidade de formas diferentes. Essa é a ideia de “interpretação alternativa”<sup>5</sup>. (KÖVECSES, 2010b. p.742).

As formas distintas de estabelecermos compreensão no e sobre o mundo podem ser motivadas por diversos elementos conceptuais, através dos quais a experiência fará sentido. Essa é uma das vias que, segundo Kövecses (2010b), pode explicar as variações das formas de conceptualização, seja em uma mesma ou em distintas culturas, visto que, por exemplo, enquanto em uma cultura, uma determinada categoria possa ser conceptualizada predominantemente por meio de metáforas, em outra, pode ocorrer

<sup>4</sup> Tradução nossa do original: “Discourse is another source of making in cultures”.

<sup>5</sup> Tradução nossa do original: “The world as we experience it is always the product of some prior categorization and framing by ourselves and others. A crucial aspect of framing is that different individuals can interpret the ‘same’ reality in different ways. This is the idea of ‘alternative construal’”.

mediante a predominância de metonímias, ou, ainda, por meio de outras operações cognitivas. Nas palavras de Kövecses (2010b, p.755): “as pessoas não usam suas capacidades cognitivas da mesma forma, de cultura para cultura”<sup>6</sup>, e ainda podemos acrescentar, na mesma cultura. A esse respeito, assim se posiciona Silva (2010, p.42):

A base experiencial do significado é frequentemente entendida de um ponto de vista universalista, em termos de corporização (“embodiment”). Mas o significado tem origens especificamente culturais e históricas e, portanto, origens que não são universais. Crucialmente, os aspectos corporizados da mente, cognição, linguagem e significado estão situados num contexto sociocultural. Consequentemente, a corporeidade implica a situacionalidade sócio- cultural. Por esta mesma razão, esquemas imagéticos, metáforas, metonímias etc. envolvem especificidades culturais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A consideração pelas especificidades culturais pode ser observada em Kövecses (2010), que, com sua proposta de ampliação da TMC, discute outras teorias sobre a compreensão dos fenômenos conceptuais, como a *Categorização*, a *Teoria da Integração Conceptual*, a *Teoria Neural da Metáfora* e própria *TMC*<sup>7</sup>. Diante de tais possibilidades interpretativas, o autor pontua que, comumente, há o questionamento sobre qual delas será a melhor forma de tratar os fenômenos conceptuais. Em resposta, adota uma abordagem holística, defendendo a complementariedade entre as diversas formas e suas especificidades interpretativas; e, para ilustrar sua opção, parte da análise de uma única metáfora, bastante discutida no âmbito da SC: O CIRURGIÃO É UM AÇOGUEIRO, através da qual acredita poder usar várias “lentes” teóricas para focalizar de formas diferentes um mesmo objeto. Nesse aspecto, propõe que a TMC é “baseada na ideia de que o foco do significado principal oferece-nos uma boa forma de caracterizar a

<sup>6</sup> Tradução nossa do original: “people do not use their cognitive capacities in the same way from culture to culture”.

<sup>7</sup> Kövecses (2010), ao trazer novas observações sobre a TMC, assim como sua proposta de novas motivações taxonômicas para as metáforas, em texto de 2013, elenca as diversas hipóteses que se seguiram à TMC, especialmente os desdobramentos advindos com a *Teoria Contemporânea da Metáfora*, proposta por Lakoff (1993).

emergência do significado da sentença” (KÖVECSES, 2013, p.11)<sup>8</sup>, estabelecendo propriedades atributivas à elaboração metafórica, pelas projeções inter-domínios.

Essa caracterização do significado, segundo o autor, ocorre em quatro fases: (1) reconhecer que há duas categorias conceptuais independentes (no exemplo dado: CIRURGIÃO e AÇOUGUEIRO); (2) devido à similaridade entre eles, buscar o estabelecimento de uma relação metafórica; (3) perceber que a propriedade da incompetência emerge do conceito CARNIFICINA contra o pano de fundo do conceito de CIRURGIA; (4) considerar que a projeção dessa propriedade pode se dar através da mesclagem, ao caracterizar o cirurgião e considerar um novo domínio conceitual a partir do outro<sup>9</sup>. Assim, atribuir o conceito de incompetência ao cirurgião somente é possível, ao estabelecer um comparativo com o conceito de açougueiro, e após identificarem-se os mapeamentos de aspectos comuns entre eles, abordar suas particularidades, diferenciando os significados. Assim, CIRURGIÃO será o fundo conceptual para que se compreenda o significado de AÇOUGUEIRO.

É nesse sentido que a SC prioriza as análises da linguagem em uso, a fim de que, a partir dos diversos contextos culturais, seja possível perceber mais claramente outros sentidos possíveis, visto que não considera o significado como sendo inerente às expressões linguísticas, mas, sim, construídos pelo falante/leitor em suas interações.

Assim, Kövecses (2009) propõe um balanceamento das discussões sobre a universalidade e a variação das metáforas, considerando seus aspectos intra e interculturais, buscando partir do seguinte pressuposto: “entender até que ponto e de que forma o pensamento metafórico é relevante para um entendimento de cultura e sociedade” (KÖVECSES, 2009, p.257). Tal questão envolve tanto as perspectivas teóricas dos estudos em cognição (cuja tendência, geralmente, identifica-se ao aspecto universalizante do pensamento) quanto o das ciências sociais e humanas, que tendem a defender um olhar local, perspectivador, em detrimento das generalizações, sobre os dados.

Essa percepção de fenômenos conceptuais como sendo, ao mesmo tempo, individuais e sociais, tem proporcionado ao semanticista buscar uma abordagem analítico-metodológica que englobe, também, aspectos da cultura ao considerar os dados

---

<sup>8</sup> Tradução nossa do original: “based on the idea of the main meaning focus gives us a good way of characterizing the emergence of the sentence’s meaning”.

<sup>9</sup> Traduzido e resumido de Kövecses (2013, p.11).

da linguagem em uso. A própria noção de MCI's, como proposta por Lakoff (1987), e como vimos demonstrando ao longo da presente seção, sugere que, sem o suporte sociocultural a abordagem cognitiva dos dados empíricos figuraria incompleta.

A ideia de tais modelos serem *idealizados*, conforme já discutimos, aponta não para sua existência necessariamente objetiva, mas, sim, para as convenções culturais a respeito dos conceitos que se pretendem elucidar, através dos modelos culturais. É nesse aspecto que Lakoff e Turner (1989) propõem, a partir de seus estudos sobre linguagem poética, que os processos cognitivos são ubíquos e convencionais, justamente por serem partilhados socialmente. Ao levantarem alguns aspectos sobre a metáfora, por exemplo, assim se colocam:

A metáfora é uma ferramenta tão comum que nós a usamos inconscientemente, com tão pouco esforço que quase nem notamos. Ela é onipresente: a metáfora permeia nossos pensamentos, não importa o que estamos pensando. É convencional: a metáfora é uma parte integrante de nosso pensamento e linguagem cotidianos. E é insubstituível: nos permite compreender nós mesmos e nosso mundo de forma que nenhuma outra forma de pensamento o pode.<sup>10</sup> (LAKOFF; TURNER, 1989, p. XI).

Em outras palavras, a “metáfora é uma questão de pensamento”<sup>11</sup> (LAKOFF; TURNER, 1989, p.XI), a respeito de todos os temas que nos dizem respeito. Ao tratarem sobre seu objeto de estudo, os autores advogam que é justamente pelo fato de tais expressões se basearem nos sentidos que nos são familiares que a linguagem poética nos é compreensível. E esse acesso não é individual, mas possibilitado pelas vivências culturalmente partilhadas, como abordam no seguinte trecho:

Grandes poetas podem falar para nós, porque usam os modos de pensamento que nós possuímos. Usando as capacidades que todos compartilhamos, os poetas podem iluminar nossa experiência, explorar

<sup>10</sup> Tradução nossa do original: “Metaphor is a tool so ordinary that we use it unconsciously, with so little effort that we hardly notice it. It is omnipresent: metaphor suffuses our thoughts, no matter what we are thinking about. It is conventional: metaphor is an integral part of our ordinary everyday thought and language. And it is irreplaceable: metaphor allows us to understand ourselves and our world in ways that no other modes of thought can”.

<sup>11</sup> Tradução nossa do original: “metaphor is a matter of thought”.



as consequências de nossas crenças, desafiar os modos como pensamos e criticar nossas ideologias<sup>12</sup>. (LAKOFF; TURNER, 1989, p. XI).

Lakoff e Turner (1989) ilustram esta perspectiva, ao analisarem expressões literárias sobre a vida, morte e tempo; a respeito da morte, por exemplo, observam que predominam a metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM, e, ao destacarem os sentidos dos mapeamentos estabelecidos a partir da nossa perspectiva cultural sobre a morte como uma passagem, ou partida para outro lugar, defendem que diferentes posicionamentos, historicamente acumulados em nossa cultura, moldam esta forma de pensar, como as mitologias grega e egípcia, a religiosidade judaico-cristã, dentre outras, de modo que “metáforas podem ser baseadas não somente em experiências diretas recorrentes, mas também no conhecimento”<sup>13</sup> (LAKOFF; TURNER, 1989, p.84).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa possibilidade de acionarmos sentidos diversos na elaboração conceptual a respeito de entidades, eventos ou categorias no mundo é uma importante característica dos MCI's, visto que são definidos culturalmente. Como endossa Silva (2010, p.46), o ponto de partida para o semanticista cognitivista é entender que “primeiro, não há conceitos universais. Segundo, a experiência corpórea tem um componente cultural. Consequentemente, os modelos cognitivos são formatados por modelos culturais”.

Uma forma de mediar tais propostas, sendo que ambas se complementam, constitui-se em um desafio para os estudos semântico-cognitivistas, e é a este respeito que têm se preocupado os estudos em sociocognição.

## REFERÊNCIAS

<sup>12</sup> Tradução nossa do original: “Great poets can speak to us because they use the modes of thought we all possess. Using the capacities we all share, poets can illuminate our experience, explore the consequences of our beliefs, challenge the ways we think, and criticize our ideologies”.

<sup>13</sup> Tradução nossa do original: “metaphors may be grounded not only in recurrent direct experience but also in knowledge”.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. O ser humano é um animal? E o que mais? Metáforas da Idade Média. In: DA HORA, Dermeval (et.al.) (Orgs). *Anais. XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)*. 14 a 18 de julho de 2014. João Pessoa: Ideia, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 13 reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1989].

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Dissertation (Ph.D.) - University of California, Berkeley, 1997.

KOVECSES, Zoltán. Metaphor, language, and culture. In: *DELTA*. São Paulo, v. 26, n. esp. p. 739-757, 2010b. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502010000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502010000300017&lng=en&nrm=iso). Acesso em 06 maio 2016.

KÖVECSES, Zoltán. Universalidade versus não-universalidade metafórica. Trad. Maitê Gil e Tamara Melo. In: *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, n.25, jul-dez 2009. p.257-277. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/net/publicacoes/cadernos-de-traducao-2009/caderno-de-traducao-numero-25>. Acesso em 28 abril 2016.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989. Disponível em: [https://books.google.co.uk/books?id=AR\\_heEqnmXkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.co.uk/books?id=AR_heEqnmXkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em 21 out 2016.

SILVA, Augusto Soares da. Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição* n. 41, p. 27-53, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo1.pdf>. Acesso em 28 out. 2016.

